

190

Morte de índio revolta kiriris em Mirandela

Adilson Fonseca

A situação é de grande tensão em Mirandela, localidade distante 300km de Salvador, no município de Banzaê, onde cerca de 150 índios pintados com cores de guerra ameaçam expulsar os poucos mais de mil habitantes do pequeno vilarejo, revoltados com a morte de um índio, na noite de sábado, na área pertencente à reserva. Para garantir a segurança dos moradores, a Polícia Federal mandou agentes para o povoado e a Companhia da Polícia Militar de Cipó, distante 52km da área em conflito, foi também reforçada.

A morte do índio, conhecido como Adão, aconteceu numa das aldeias da reserva dos kiriris, em Mirandela, na noite de sábado, conhecida como Cacimba Seca, distante pouco mais de quatro quilômetros do centro da reserva. Segundo o levantamento inicial feito pela Polícia, com a presença do delegado da Funai na região, Arnaldo Burgos, o índio foi emboscado por três pessoas numa pequena roça de milho, levando seis tiros. Adão era mudo e tinha aproximadamente 20 anos, o que revoltou toda a comunidade indígena, que ontem mesmo ameaçava invadir o povoado de Mirandela, dando um ultimato não só para a saída dos moradores da área, como também a retirada de todo o policiamento militar da região.

Todo o dia de domingo foi de grande tensão em Mirandela. Temendo represálias, os moradores próximos à divisa com a reserva saíram de suas casas por volta do meio-dia, alguns indo para casas de parentes, localizadas mais distantes da divisa com a reserva, ou ficando na pequena praça do povoado. O levantamento cadavérico foi feito pelo médico Edilson José Almeida. A população temia que o enterro fosse realizado à noite, o que favoreceria a ocorrência de incidentes.

Na reserva, cerca de 150 índios, todos pintados com cores de guerra, permaneciam prontos para qualquer tipo de ação, podendo resultar num confronto armado com os habitantes do povoado vizinho à reserva e que vive nos últimos dias uma espécie de cerco. O destacamento militar na loca-



Foto: Wilson Bastos/Alk

O índio, conhecido como Adão, foi emboscado por três homens

lidade é composto por apenas cinco soldados, chefiados por um sargento, e permanece em constante estado de alerta, temendo um confronto com os índios a qualquer momento.

TENSÃO

A reportagem de A TARDE conseguiu entrar na reserva dos índios kiriris, acompanhada de um dos índios, conhecido como Domingos. Não foram permitidas fotografias ou mesmo a equipe descer do veículo, tal o clima de tensão reinante no local. Os índios que formam o conselho da aldeia, conhecidos como Bruno, José Batista e Donato, exigiram, para dar quaisquer informações, a presença de representantes da Funai, juntamente com a Polícia, esta responsável pelo levantamento cadavérico do índio Adão. Posteriormente, os índios na aldeia mudaram de posição e não mais permitiram a entrada de qualquer pessoa na área, sob pena de gerar novos incidentes.

Em Mirandela, o clima é de quase confronto. A população toda está assustada e teme novos incidentes. Existem acusações de ambos os lados, e os índios alegam que os 12 mil hectares da reserva, demarcada

pela Funai, vêm sendo constantemente violados pelos posseiros, posição rebatida pelo moradores de Mirandela, que acusam os índios de serem os próprios fomentadores dos conflitos. Há um mês começaram os primeiros conflitos entre índios e posseiros e já houve vários confrontos pequenos. O último aconteceu na sexta-feira passada, quando depois de uma visita de agentes da Polícia Federal e da Funai à reserva, os índios acusaram os moradores do povoado de terem apedrejado uma das índias que tinha ido pegar água na entrada da reserva e, em represália, destruíram uma das casas na periferia e lançaram mais de 20 flechas em direção aos moradores, todas recolhidas ao posto policial.

No sábado pela manhã, uma comissão formada por 12 índios foi levada a Brasília para tentar encontrar junto à administração da Funai uma solução para o conflito. Na reserva dos kiriris vivem aproximadamente 2.500 índios, em cinco aldeias. Em 1990, a Funai demarcou os 12.220 hectares de terras, incluindo até mesmo o povoado de Mirandela, que está com toda a sua área em disputa na Justiça, para desapropriação das casas e transferência dos moradores para outra região.